

Estudo etnográfico sobre a interação entre humanos e não humanos na *doma* de cavalos no pampa sul-rio-grandense

DANIEL VAZ LIMA¹; FLÁVIA RIETH²

¹PPGAnt - UFPel – dvlima.vaz@gmail.com.

²PPGAnt - UFPel – riethuf@uol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste numa etnografia sobre a interação entre o domador, o cavalo, os artefatos e os ambientes (rurais e urbanos) envolvidos na técnica da domesticação de cavalos considerando a relação mais ampla entre humanos e não humanos na rede que envolve a pecuária no pampa sul-rio-grandense. Este estudo se constituiu através da minha participação como pesquisador no “Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – lidas campeiras (1º Fase)¹” que documentou e reconheceu a pecuária extensiva (criação de bovinos, ovinos e eqüinos), e os saberes/fazeres a ela vinculadas, como referência na constituição da cultura pampiana transformando-a em patrimônio cultural brasileiro (RIETH et al, 2013). Fazendo uso da metodologia constituída pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o INRC propôs levantar dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações estabelecidas entre os humanos, os animais, os artefatos e os ambientes envolvidos na rede da pecuária no pampa sul-rio-grandense, descrevendo os ofícios e modos de fazer que a compõem (RIETH et al, 2013).

Conhecido também como campos do Sul, o pampa ocupa cerca de 63% do território do Estado do Rio Grande do Sul se estendendo para os países do Uruguai e Argentina. Caracteriza-se pela predominância dos campos permeados por banhados, matas ciliares e capões de matas sendo que, por essa caracterização, é conhecido pela sua “vocaçãõ” para a pecuária. No entanto, é concebido, para além das delimitações geográficas, biológicas e políticas, a partir das relações que se estabelecem entre humanos e não humanos (RIETH et al, 2013) sendo assim entendido como região que extrapola tais limites políticos e geográficos sistematizando o sul do Rio Grande do Sul, e os países do Uruguai e parte da Argentina como uma “área cultural”. (LEAL, 1997).

O INRC adotou a expressão “*lidas campeiras*” para designar o conjunto de ofícios e técnicas que integram a rede da pecuária que historicamente se desenvolveu na área cultural do pampa. A pesquisa que desenvolvo tem como foco o ofício do *domador* entendido como aquele que tem a habilidade (INGOLD, 2010) de um conjunto de técnicas que tem em vista a domesticação do cavalo para atividades relacionadas às *lidas campeiras*. É um trabalho constituído de diferentes momentos e os quais acionam a utilização de determinados artefatos, tendo como objetivo fazer com que o cavalo aprenda uma comunicação com o humano.

Apresento a discussão deste tema tendo como base as discussões atuais entendidas sob o conceito de antropologia simétrica que questiona as distinções (entendidas como oposições binárias) presentes no pensamento antropológico tais como tradicional e moderno, humanos e não humanos, cultura e natureza. Esta proposta da antropologia simétrica não significa anular essas dicotomias,

¹ Esta primeira fase compreende os anos de 2010-2013.

mas questioná-las, considerando esta atitude como o primeiro ponto da construção do conhecimento. Para LATOUR (1994) a antropologia, como uma ciência humana, interiorizou, nas suas praticas, conceitos e questões, a impossibilidade de uma simetria entre natureza e cultura e assim limitou o foco de estudo a cultura, evitando os objetos da natureza que são, por sua vez, foco das ciências naturais. Frente a isso, o autor propõe uma antropologia, capaz de pensar a composição do social, não somente através dos fenômenos sociais, mas através das relações estabelecidas entre humanos e não humanos. Segundo o autor em todos os coletivos existe tal relação sendo que ambos tem agencia produzindo efeitos no mundo. Nesse sentido, ator é entendido como “qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença” (LATOUR, 2012, p. 108).

2. METODOLOGIA

De acordo com GEERTZ (2008, p. 04) para compreender determinada ciência deve-se atentar não para suas teorias, mas pelo que os praticantes destas fazem e o que os praticantes da antropologia fazem é etnografia que basicamente é conceituada como um contato direto e prolongado do pesquisador com as pessoas, ambientes e situações considerando o contexto dessas relações. O etnógrafo observa os locais, as atividades, os objetos, as relações procurando o sentido das ações que no final resultarão numa narrativa textual e/ou visual. Para além dessa concepção GEERTZ (2008, p. 04) entende a etnografia como um esforço intelectual para uma “descrição densa”. Fazer uma “descrição densa” significa desvendar uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais as ações são produzidas, percebidas, e sem as quais as ações não existiriam”. (GEERTZ, 1989, p. 17).

Para além da concepção de etnografia como o “trabalho do antropólogo” considero o conhecimento como experienciado e seus significados produzidos a partir dessa experiência. Assim, sigo o pressuposto de WAGNER (2010) que considera a cultura como algo “inventado” pelo etnógrafo que utiliza sua própria para estudar outras. “Inventar” significa dizer que é através do universo de seus próprios significados que o antropólogo “experencia” o “outro” e nesse confronto de alteridade identifica novas possibilidades e potencialidades de se viver a vida. Essa vivencia com o outro é comunicada aos demais de seu próprio grupo social e por estar dentro de um universo de significados comuns, esse outro é reinventado.

A metodologia abordada consiste, assim, num esforço para uma descrição densa (GEERTZ, 1989), no entanto, não somente de sentidos e significado humanos, mas dos diversos sentidos criados pelos organismos humanos e não-humanos que percebem, agem e habitam os ambientes com suas singularidades (INGOLD, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ofício do *domador* entendido como aquele que tem a habilidade (INGOLD, 2010) de um conjunto de técnicas que tem em vista a domesticação do cavalo para atividades relacionadas às *lidas campeiras*, é concebido nesta pesquisa dentro de um processo histórico de transformação das atividades produtivas na rede da pecuária extensiva no pampa sul-rio-grandense. Inseridos dentro de processos sociais mais amplos esses sujeitos, também tem de se transformarem ao longo do tempo, ou seja, inventarem-se a partir de novos contextos

experienciados. (SILVA, 2013; WAGNER, 2010). Nessas transformações do universo rural, o modo de vida desses domadores foi atingido e a decisão da migração para as cidades da região, em alguns casos, consiste numa das estratégias encontradas. A doma era praticada dentro das propriedades rurais chamadas estâncias e o domador percorria essas propriedades domando cavalos que seriam voltados para as lides pastoris, o transporte, deslocamento das pessoas e para a guerra. Por conseguinte, como se referiu HOWES NETO (2006, p. 51), a atividade também passou a ser praticada em ambientes urbanos atualizando e reinventando saberes/fazeres. Por exemplo, as técnicas de doma voltadas para competição em eventos, como as provas de freio-de-ouro², é praticada nas *cabanhas* ou *hospedarias* que são espaços de hospedagem e centros de treinamento e domesticação para cavalos. Esses espaços estão se encontram nos ambientes urbanos em que os domadores vindos do meio rural investem como forma de manter esse vínculo e relação com o cavalo.

A pesquisa de INRC-Lidas Campeiras levantou que as técnicas de doma se classificam de acordo com a graduação da violência utilizada para a domesticação do cavalo: na *doma tradicional* ou *gaúcha* são utilizadas técnicas de reforço, tendo centralidade o uso da força. Estas técnicas se definem em comparação as técnicas de doma ditas “*racionais*” (como “*doma racional*”, “*doma índia*”) baseadas no não uso da força, ou seja, sem machucar o animal estabelecendo uma relação de confiança entre o domador e o cavalo (RIETH et al, 2013). No entanto, de acordo com os interlocutores cada domador tem suas técnicas e preferências ao mesmo tempo em que a relação estabelecida com o cavalo vai condicionar a utilização de um determinado saber/fazer. Percebem que o “*cavalo é igual ao homem, tem temperamento*”, em que uns são “*velhacos*”, ou seja, rebeldes, ao passo que outros são mansos. Por outro lado, alguns assimilam mais facilmente os ensinamentos que outros.

Os artefatos têm agencia no processo de domesticação do cavalo no sentido de que eles constroem e são construídos nas relações com os humanos e animais. Nesta pesquisa chamo a atenção para três artefatos: *O bocal, o freio e o bridão*. Esses artefatos, acionados de acordo com a relação estabelecida entre o domador e o cavalo, são colocados na boca desses últimos exercendo determinada pressão sobre esta. Nos relatos de domadores com quem conversei os três artefatos no processo de doma podem ser acionados nesta ordem: *Bocal, freio, e bridão*. Partem do princípio que, conforme o cavalo vai conhecendo e acostumando com a pressão na boca, vai-se diminuindo a intensidade. Além disso, existem diversos tipos de *freios* e *bridões* que serão acionados conforme vai demandando o processo de domesticação do cavalo.

4. CONCLUSÕES

Nesta pesquisa faço descrição etnográfica sobre as técnicas da domesticação de cavalos considerando as transformações sócio-culturais, geográficas e biológicas da área cultural do pampa (LEAL, 1997) e concebendo-as através das relações estabelecidas entre humanos e não humanos entendidos como atores. Nesse contexto a questão central pergunta-se qual é a interação entre o domador, o cavalo, os artefatos e os ambientes ambiente (rurais e

² A prova de freio de ouro é organizada pela ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo), entidade criada em 1931 por estancieiros do Rio Grande do Sul com o objetivo de padronizar a raça do cavalo crioulo. As provas de 21 dias e freio de ouro são maneiras de incentivar a difusão da raça.

urbanos). Nesse sentido através da etnografia percebo que o cavalo possui uma personalidade sendo manso ou “*velhaco*” (rebelde) e assim demanda que o domador acione determinados conhecimentos para ensiná-lo. Os artefatos têm agência na construção da identidade do domador e atua no processo de domesticação do cavalo. Eles constroem e são construídos nas relações com os humanos e os animais. Por conseguinte, as transformações das técnicas de doma estão associadas aos diversos ambientes (rurais e urbanos) em que são praticadas. A noção de ambiente é dado por INGOLD (2012, p. 39) como um “imenso emaranhado de linhas”. Num ambiente vários acontecimentos se entrelaçam em combinações variadas gerando novos acontecimentos num processo de constante transformações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Cap. 1, p. 05 – 21.

HOWES NETO, G. **De bota e bombacha**: Um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134 f, dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, Santa Maria.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

LEAL, O. F. Do etnografado ao etnografável: O “Sul” como área cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, nº 7, p. 201 – 214, outubro de 1997.

RIETH, F ; KOSBY, M. F. ; SILVA, L. B. M.; RODRIGUES, M. B. ; DOBKE, P. R. ; LIMA, D. V. . **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013. v. 1. 356p.

SILVA, L. B. M. **Entre lidas**: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2014

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.